

PRESS RELEASE - Fundação Bienal de São Paulo

6ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

4/10/2005

Arquitetos brasileiros têm salas especiais na 6ª Bienal Internacional de Arquitetura

A **6ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (6ª BIA)**, principal evento de arquitetura da América Latina, começa no próximo dia 22 de outubro e terá, entre suas atrações, salas especiais de arquitetos brasileiros que trouxeram, ao longo de suas trajetórias profissionais, importante contribuição no campo da arquitetura e do urbanismo. São eles: Carlos Bratke (SP), Eduardo de Almeida (SP), João Carlos Cauduro e Ludovico Martino (SP), Benno Perelmutter e Marciel Peinado (SP), Rosa Kliass (SP), Décio Tozzi (SP), Hector Vigliecca (SP), Paulo Zimbres (DF), Luiz Eduardo Índio da Costa (RJ), Joel Campolina (MG), Campelo Costa, Nelson Serra e Neves e Aída Montenegro (CE), Luiz Forte Netto (PR), Vital Pessoa de Melo (PE), Siegbert Zanettini (SP), Mário Aloisio (AL), Acácio Gil Borsoi (PE) e Joan Villà (SP).

O objetivo, de acordo com os realizadores do evento — Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) e Fundação Bienal de São Paulo — é mostrar a riqueza da produção arquitetônica brasileira. Projetos de diferentes escalas e propostas serão exibidos, de edificações residenciais e comerciais a planos urbanísticos. Todos, porém, convergem para um mesmo ponto: a preocupação com a qualidade dos espaços construídos, que se reflete também no tema proposto pela Bienal, "Viver na Cidade: Arquitetura - Realidade - Utopia". "A intenção é homenagear esses profissionais que representam a diversidade da produção nacional e atuam em áreas diversificadas, evidenciando a qualidade e a versatilidade da arquitetura brasileira", diz Gilberto Belleza, que junto com o arquiteto Pedro Cury, divide a curadoria da 6ª BIA.

Nesse sentido, destacam-se profissionais que, em seus projetos, priorizam conforto ambiental, impacto positivo ao entorno e humanização dos espaços, entre outros aspectos. É o caso do paulista **Décio Tozzi**, que apresentará na Bienal, em um painel de 3 x 10 metros, fotografias, plantas e detalhes de empreendimentos como o Spazio 2222, residencial de alto padrão na capital paulista que, ao contrário do modelo comumente adotado pelo mercado imobiliário, procurou levar a uma torre de apartamentos um pouco das antigas vilas paulistanas, com um pátio interno comum coberto de vidro. A intenção, explica Tozzi, foi resgatar o convívio, há muito tempo esquecido nas grandes metrópoles.

A qualidade de vida tão necessária para o viver nas cidades está associada também a uma arquitetura sustentável. **Siegbert Zanettini**, que também terá uma sala própria na mostra, apresentará, através de amplos painéis de fotografias retro-iluminadas, edificações como o Centro de Pesquisas da Petrobrás, na Ilha do Fundão, RJ, que previu, além de uma construção industrializada, que gera pouco entulho e desperdício, soluções para uso racional de água e energia, aproveitamento da luz solar para produção de energia,

tratamento de águas servidas e reuso de águas de chuva, além de revitalização da paisagem local.

Vocação social

Entre os projetos de interesse social, destacam-se os trabalhos de **Hector Vigliecca**, arquiteto uruguaio que vive no Brasil há 30 anos. Durante a Bienal, Vigliecca mostrará por meio de uma maquete de 4 x 3 metros, uma proposta de transformação física de uma área habitada por cerca de 800 mil pessoas. Um vídeo sobre o dia-a-dia dos moradores de uma das maiores favelas de São Paulo fará um contraponto entre a realidade e o projeto apresentado.

Quem também mantém forte atuação social é **Joan Villà**. Em sua sala, será feita uma retrospectiva de obras realizadas entre 1986 e 2002, como o Conjunto Residencial da Rua Grécia, em Cotia, SP. Esse condomínio popular projetado junto com a arquiteta Silvia Chile foi vencedor do prêmio Carlos Milan, conferido pelo IAB-SP em 2002.

Planejando cidades

Com forte atuação nas áreas de planejamento ambiental, sinalização visual e mobiliário urbano, o escritório Cauduro Martino, dirigido pelos arquitetos **João Carlos Cauduro e Ludovico Martino**, levará, para sua sala, alguns trabalhos realizados como a sinalização visual e o mobiliário urbano da Avenida Paulista, e o projeto de sinalização viário-turística de Salvador.

Uma série de planos urbanísticos, concretizados ou não, também terão destaque nessa Bienal. De **Paulo Zimbres**, arquiteto paulista radicado em Brasília, o visitante poderá conhecer o Projeto Águas Claras, um plano idealizado na década de 1990 para uma cidade satélite do Distrito Federal de 160 mil habitantes, que está atualmente em fase de implantação. Já do escritório cearense **Nelson & Campelo**, será mostrado, além de outros trabalhos, os projetos de requalificação urbana do Rio Acaraú, em Sobral, e dos centros históricos de Aquiraz, Quixeramobim e Icó, todos no Ceará.

Produção arquitetônica

Nas salas dos arquitetos convidados, os visitantes poderão conferir, ainda, como se produz arquitetura, a partir de uma idéia ou demanda, até o projeto pronto. **Carlos Bratke**, por exemplo, irá expor sua metodologia de trabalho por meio de maquetes, croquis e plantas em computador, reproduzindo, inclusive, uma parede com plantas e croquis semelhante à que mantém em seu escritório. Diversos projetos que marcaram a carreira do arquiteto paulista, que concebeu mais de 60 edifícios na região da avenida Luiz Carlos Berrini, também serão mostrados. Destaque para o Plaza Centenário, conhecido como "Robocop" por seu aspecto futurista, na Marginal do Rio Pinheiros.

Mostra de convidados estrangeiros reúne grandes representantes da arquitetura internacional

A Mostra Arquitetos Convidados Estrangeiros, reunindo trabalhos de 12 profissionais, é uma das atrações da **6ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (6ª BIA)** - realizada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e Fundação Bienal de São Paulo -, que abre no dia 22 de outubro, no Pavilhão da Fundação Bienal, no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Estarão expostos projetos de Alberto Campo Baeza (Espanha), Eduardo Souto de Moura (Portugal),

Gonçalo Byrne (Portugal), José Cruz Ovalle (Chile), Bonell i Gil (Espanha), Hans Hollein (Áustria), Henri Ciriani (França), Rafael Viñoly (EUA), Ricardo Legorreta (México), Richard Meier (EUA), Thomas Herzog (Alemanha) e Vittorio Gregotti (Itália).

Com o tema "Viver na Cidade: Arquitetura - Realidade - Utopia", a 6ª BIA tem como proposta refletir sobre o desafio de viver nas grandes metrópoles nos dias de hoje. "A atual edição é uma oportunidade para aprofundar a reflexão sobre a participação e colaboração dos arquitetos no processo de qualificação da vida urbana das cidades brasileiras e da inclusão social da população", afirma Paulo Sophia, presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento São Paulo.

Presença de arquitetos americano e portugueses

Entre os convidados, um dos nomes de projeção mundial que terá trabalhos apresentados na Bienal é o norte-americano **Richard Meier**, responsável, entre outros, pelo projeto da Igreja do Jubileu, construída em Roma e inaugurada em 2003. Esse projeto de Meier foi escolhido em concurso fechado do qual participaram outras figuras símbolos da arquitetura mundial recente como Tadao Ando e Frank Gehry. Meier, que já recebeu o prêmio Pritzker - considerado a mais importante premiação de arquitetura internacional -, tem projetos implantados em vários países. Na exposição brasileira o arquiteto vai mostrar uma de suas mais recentes realizações, um conjunto de edifícios de apartamentos de alto padrão implantados na Charles Street, 165, em Nova Iorque.

De Portugal, vêm dois nomes extremamente significativos, cada um deles representando as duas mais conhecidas escolas arquitetônicas daquele país: **Eduardo Souto Moura**, a do Porto, e **Gonçalo Souza Byrne**, a de Lisboa. Souto Moura, que nasceu no Porto e tem 53 anos, foi por cinco anos colaborador de Álvaro Siza, grande representante da arquitetura atual em Portugal. Moura é o autor do projeto do Estádio Municipal de Braga, conjunto esportivo onde foram disputadas partidas da Copa Européia de Seleções, realizada em Portugal no ano passado. O Estádio Municipal de Braga é um dos projetos que estará presente na mostra brasileira. Em 2005, o estádio português foi finalista na Europa da premiação Mies Van der Rohe.

Byrne, nascido em 1941, em Alcobaça, formou-se na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Membro de júri de concursos de arquitetura de diversos países - no Brasil, inclusive - esse ano ele recebeu o título de doutor honoris causa pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Quatro projetos foram destacados por ele para integrar sua mostra em São Paulo: Casa da Província da Brabant Flamengo, em Louvaina, na Bélgica; Centro de Coordenação e Controle de Tráfego Marítimo do Porto, em Lisboa; o Complexo do Cais do Carvão e Clube Naval do Funchal, em Funchal, e o espaço coberto para assembleias e presbitério do Santuário de Fátima, todos em Portugal.

Arquitetos espanhol, austríaco e mexicano

Uma mostra com características parecidas com as da que montou na Bienal de Veneza, no ano passado, é o que o espanhol **Alberto Campo Baeza** irá trazer a São Paulo. A arquitetura de Campo Baeza reúne admiradores em todo o mundo. A casa de Blas, em Madri, de sua autoria, uma caixa semi-enterrada de concreto, é uma obra que foi publicada em praticamente todas as revistas internacionais de arquitetura. Também é de Baeza o projeto do edifício-sede da instituição financeira Caja General de Ahorros, em Granada. O projeto da edificação foi

escolhido por concurso do qual participaram 138 concorrentes e Baeza venceu por unanimidade.

O arquiteto austríaco **Hans Hollein** não apenas irá expor seus trabalhos na Bienal como virá a São Paulo para participar do evento. Um dos projetos mais recentes de sua autoria foi a reforma da unidade de Viena da rede de hotéis Hilton. Hollein tem também uma obra implantada em Lima, no Peru: o edifício-sede do Interbank. A construção mescla a linguagem high tech com elementos da cultura inca e foi contratada pela instituição financeira através de concurso fechado do qual também participaram os escritórios KPF e Michael Graves. Em São Paulo, um dos destaques da mostra de Hollein será o de projetos subterrâneos para moradias desenvolvidos em Viena.

Do México, a Bienal irá receber projetos do escritório de **Ricardo Legorreta**. Dos estrangeiros, o mexicano é o único que tem obras no Brasil, como é o caso de uma casa de fazenda em Matão, interior de São Paulo - que estará exposta na mostra. Ricardo Legorreta, que nasceu na cidade do México em 1931, e hoje divide o escritório com seu filho, Victor Legorreta, possui obras distribuídas por diversas cidades do México, nos Estados Unidos e Espanha. Os Legorreta relacionam como alguns de seus principais projetos o Centro Nacional das Artes na Cidade do México; a fábrica da Chrysler, em Toluca; e o Museu Mexicano de São Francisco.

Treze países revelam seus traços arquitetônicos na 6ª Bienal Internacional de Arquitetura

A **6ª Bienal Internacional de Arquitetura (6ª BIA)** - realizada pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e Fundação Bienal de São Paulo - que abre no dia 22 de outubro, no Pavilhão da Fundação Bienal, no Parque Ibirapuera, em São Paulo, convidou representantes de 13 países para expor trabalhos recentes que se inserem no tema "Viver na Cidade: Arquitetura - Realidade - Utopia". **Alemanha, Argentina, África do Sul, Áustria, China, Cingapura, Estados Unidos, França, Holanda, Israel, México, Portugal e Suécia** são os países que vão ocupar um imenso "território" no Pavilhão da Bienal, até o dia 11 dezembro, com espaços que vão revelar os traços arquitetônicos distintos de cada nação.

Painéis rotativos da Áustria

O grupo Splitterwerk, com sede em Graz, vai representar a Áustria por meio de painéis rotativos dispostos nos pilares do pavilhão. A exposição mostrará ao público brasileiro um ateliê de arquitetura que desenvolve projetos urbanos assim como estudos e avaliações para edifícios, tendo como ferramenta de trabalho a superfície ornamental. O Splitterwerk, que começou em 1988 como uma agência de comunicação, cria espaços para superfícies em vez de superfícies para espaços. Justapõe abstrações ornamentais e narrativas como figuras gigantes no espaço urbano tridimensional: peixes, patos, polvos e rãs.

Outra curiosidade fica por conta do título da mostra: "Viva o Pato!" Para eles o "pato" surge nessa Bienal, "por ter-se tornado um ícone de duplo sentido na crítica de Robert Venturi e Denise Scott Brown, no conhecido exemplo da loja em forma de pato, para venda de equipamento de caça, em Las Vegas". Com isso, Venturi e Scott Brown desmascararam como "patos" uma grande parte da arquitetura modernista e a demanda de unidade entre forma e função. É essa discussão que, agora, o Splitterwerk pretende promover: como as novas relações

entre urbano e rural ou centro e periferia, assim como a progressiva invasão midiática no espaço construído define o caráter efetivo do viver na cidade? E perguntam: o ornamento é o edifício, é o meio, é a mensagem?

Intercâmbio cultural nas cidades argentinas

A Argentina traz projeções digitais de imagens enviadas por vários arquitetos de todo o país. São relatos individuais editados pelo comitê de curadores que vão compor um cenário panorâmico capaz de reproduzir o que existe de particular na geografia, história, economia e o intercâmbio cultural entre as cidades argentinas. Dessa forma, o individual e o coletivo vão refletir o dia-a-dia de trabalho dos arquitetos naquelas cidades.

A mostra supera o mero registro circunstancial ou jornalístico. Os curadores elegeram alguns focos para inserir esses relatos com base nos seguintes termos: velocidade, densidade, aglomeração, encontro, consumo, carência, bem-estar, multiplicidade, intercâmbio, permanência, fragmentação, contenção, reciclagem, novidade, periferia, deslocamento e jogo. Ao final, o visitante poderá montar um quadro atual da rede invisível que reproduz a construção das cidades da Argentina.

Israel nas mãos de um brasileiro

O arquiteto David Reznik, 81, nasceu e estudou arquitetura no Rio de Janeiro, mas, aos 25 anos de idade, mudou para o recém-criado Estado de Israel. Reznik se autodefine como um funcionalista na abordagem e um humanista nas crenças. A trajetória desse arquiteto israelense nascido no Brasil incorpora influências modernistas como a do Le Corbusier, do Ministério da Educação do Rio, do urbanista brasileiro Lúcio Costa e de Oscar Niemeyer. Reznik chegou a trabalhar no escritório de Niemeyer, no final da década de 40.

Além da Embaixada de Israel, em Brasília (de 1974 a 1977), David Reznik assinou projetos como o do hotel Hyatt Regency (de 1979 a 1987) e do Centro de Estudos para o Oriente Médio (de 1980 a 1987), ambos em Jerusalém, e do Departamento de Engenharia Mecânica da Universidade Ben-Gurion, em Negev (de 1994 a 1998). Quando chegou a Israel, Reznik percebeu que a "revolução" do Modernismo teria de responder à reconstrução da nova ordem social e cultural daquele Estado em formação. "Desde o momento em que emigrei para o Oriente Médio", conta Reznik, "eu tinha um objetivo único: ser uma peça na fantástica engrenagem da máquina chamada Estado de Israel".

Para isso, Reznik buscou várias reconsiderações excluídas da agenda pública da época como o lugar, a paisagem, as tradições sionistas e a história. A nova ordem urbana exigia ajustes e Reznik arregaçou as mangas para entender a tecnologia, o funcionamento e a ética daquela sociedade nascente. Quando define essa experiência única, Reznik costuma citar o arquiteto americano Louis Khan: "fui um arquiteto e, ao mesmo tempo, um servidor cívico".

Nos EUA, a arquitetura para comunidades rurais

O arquiteto americano Samuel "Sambo" Mockbee nasceu no Mississippi, mas estudou e viveu no Alabama onde conviveu com a pobreza e as moradias precárias dos habitantes do Sul. Disposto a mudar esse quadro, Mockbee decide fundar o Rural Studio junto com o colega Dennis Ruth. A idéia era fazer com que os estudantes pusessem a mão na massa para projetar casas para os habitantes locais, mas longe dos estúdios com ar-condicionado e computadores

potentes. Os estudantes ficariam imersos na comunidade para entender o contexto e a cultura dos clientes. E assim, estava fundada a "pedagogia arquitetônica". Isso em 1993.

Claro, nos Estados Unidos, quando os arquitetos falam de clientes na linha da pobreza, estão falando de um cidadão que ganha mil dólares por mês. Hoje, menos de dez por cento dos projetos de casas americanas passam pelos computadores de um arquiteto. A incrível velocidade das construções e a indiferença da indústria impele os compradores de unidades residenciais unifamiliares para a massificação de projetos que povoam os subúrbios de fachadas repetitivas e sem alma.

Ao contrário, as casas do Rural Studio, construídas por processo colaborativo que envolve os estudantes e os moradores locais com fundos concedidos por uma empresa de eletricidade, incorporam estilos e tendências modernistas e fortes escolhas pessoais dos clientes. A um custo de 30 mil dólares, em média, as obras incorporam uma extensa variedade de materiais reciclados e descartados como garrafas e pneus.

Mas o mais importante vem do aprendizado. Os estudantes do Rural Studio desenvolvem muito mais do que o uso extraordinário de materiais, novos métodos construtivos e tecnologias invulgares: eles resgatam a dignidade de sociedades como a do condado de Hale, no Alabama, a ponto de mitigar, em muito, os efeitos da pobreza em comunidades rurais que nunca tinham ouvido falar em arquitetura.

A importância do espaço público na visão do arquiteto francês

O arquiteto e engenheiro francês Marc Mimram, que nasceu em Paris, em 1955, exhibe projetos como as passarelas de Solferino e o prédio no Boulevard Barbès, em Paris; a passagem para pedestres na divisa entre Estrasburgo, na França, e Kehl, na Alemanha; o hall de natação de Viry-Chatillon; um grupo de dez pontes (incluindo um viaduto, uma ponte florestal, quatro pontes de estrada e pontes hidráulicas) da auto-estrada A19, de Belfort, ambos na França; e a ponte de Beng Bu, sobre o rio Hai He, em Tianjin, na China.

Especializado em engenharia de pontes e estradas, Mimram e a equipe de colaboradores do escritório parisiense entendem que o tema da 6ª BIA não se limita ao espaço de moradia e trabalho. "Viver na Cidade depende de relacionamentos entre os prédios habitados que formam uma rede de movimentos de produtos, energia, pessoas e veículos, que compõem o projeto da cidade. A infra-estrutura serve de suporte ao espaço público, o espaço dividido entre todos que vivem na cidade: o espaço da democracia."

Entrada de Emergência: instalação de arquiteto português

A obra do arquiteto Pedro Bandeira, da representação portuguesa na 6ª BIA, ficou conhecida pelos visitantes da exposição "Metaflux, Duas Gerações na Arquitetura Portuguesa Recente", que esteve em cartaz no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo, até junho passado. Bandeira estudou arquitetura em Porto e vai expor a irreverência de quem defendeu uma tese na Universidade Politécnica da Catalunha com o intrigante título "Apenas o Mundo, Hoje, Onde as Revoluções são Impossíveis - da Ilusão à Desilusão de Imaginários de Pouca Architectura entre os Anos 60 e 90".

Pedro Bandeira, que dá aula de projeto no departamento de Arquitectura da Universidade do Minho, projetou a instalação Casa na Árvore, construída numa plataforma elevatória, para permitir ao usuário um isolamento pontual. O projeto Interior de Quarteirões, para a cidade do Porto, denuncia o acúmulo de construções clandestinas cuja funcionalidade se perdeu ou degradou. Os Projetos Específicos para um Cliente Genérico não são projetos utópicos - são exequíveis e desejáveis. No entanto, o índice de realidade oferecido pelas imagens não propõe um "outro" mundo (o da utopia clássica) mas "este", pleno de contradições e paradoxos.

Porém, a instalação Entrada de Emergência pode trazer um pouco de polêmica à Bienal ao conceber um espaço colocado como uma escada de emergência, não contemplada no projeto original de Oscar Niemeyer para o pavilhão da Bienal. Bandeira parte do conceito de ligação associado à casualidade das saídas de emergência que costumam ser a conexão mais curta entre interior e exterior, o que, no contexto da Bienal, pode enfatizar a ambição de aproximar a utopia da realidade ou a realidade da utopia (dependendo do sentido da ligação).

"O espaço destinado a Portugal tinha sido colocado junto a uma saída de emergência do pavilhão Matarazzo", explica Pedro Bandeira. "Em vez de nos queixarmos e negociarmos outro espaço com a organização, decidimos assumir esse condicionamento *site specific* e fazer disso uma metáfora com o tema da Bienal que é "Viver a Cidade" e, viver numa cidade como São Paulo, exige uma particular sensibilidade a essa questão: a reversibilidade entre fora e dentro".

6ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

Data: de 22 de outubro a 11 de dezembro de 2005

Horário: de 3ª à 5ª, das 12h00 às 22h00

Sextas, sábados e domingos, das 10h00 às 22h00

Local: Fundação Bienal de São Paulo (Avenida Pedro Álvares Cabral s/nº - Parque Ibirapuera, portão 3)

Entrada: R\$ 12 (Crianças até 6 anos não pagam. Estudantes, crianças de 7 a 12 anos e maiores de 65 anos pagam meia). Associados Sesc têm desconto de 50% com apresentação da carterinha.

Venda de ingressos: Ticketmaster (www.ticketmaster.com.br)

Curadoria: Pedro Cury (pela Fundação Bienal de São Paulo) e Gilberto Belleza (pelo IAB)

Responsável pelo projeto da exposição: Pedro Mendes da Rocha

Patrocinadores: Alcoa, Arcelor, Autodesk, Braskem, Cosipa/Usiminas, Cerâmica Eliane, Deca, Faap (Fundação Armando Álvares Penteado), Giroflex, Governo do Estado de São Paulo, Masisa, Papaiz, Sesc, Senai, Tintas Coral, Tigre, Universidade Anhembi-Morumbi, UNIP-Universidade Paulista, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) e Vival.

Mais informações para imprensa:

Ateliê de Textos com Alzira Hisgail ou Leila Pavani

Telefax: (11) 3675-0809 - E-mail: atelie@ateliedetextos.com.br

www.ateliedetextos.com.br